

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSIDADE: UM ESTUDO EM BUSCA DO CONSENSO SIMBÓLICO<sup>1</sup>

Maria do Rosário F. Carvalho - UFRN<sup>2</sup>

Antonio Roazzi – UFPE<sup>3</sup>

Maria da Graça B. B. Dias - UFPE<sup>4</sup>

### O caráter sócio genético das Representações Sociais: implicações de um pressuposto

Uma definição canônica de Representações Sociais é de Jodelet (1989, p. 36): “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Para Abric (1989), é ao mesmo tempo o produto e o processo de uma atividade mental, através da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui a realidade com a qual se confronta e para a qual atribui um significado específico.

Nesta linha de raciocínio, a representação não é tomada como simples reflexo da realidade, mas funciona como um sistema de interpretação desta, que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social. Constitui-se, pois, num sistema de pré-decodificação da realidade, porque determina um conjunto de antecipações e expectativas Abric (1998).

Esta teoria apresenta, no seu ponto de partida, a proposta de abandonar as dicotomias sujeito-objeto, visto que, como estabeleceu Moscovici (1972): “não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo (ou do grupo). Sujeito e objeto não são forçosamente distintos.” O objeto está inscrito num contexto ativo, ao qual pertence o sujeito representante, que se apropria da realidade, reconstituindo-a no seu sistema cognitivo, este tributário dos seus sistemas de valores e de sua história. Na sua obra ‘Representações Sociais da Psicanálise’, Moscovici (1978) postulou por dois sistemas cognitivos: o primeiro, que opera em termos de associações, inclusões, discriminações, ou seja, com características de um sistema operacional, ou cognitivo; já o segundo sistema, atua controlando, selecionando e verificando, de acordo com várias lógicas e regras, isto é, caracterizando-se como um metassistema que re-elabora o material produzido pelo primeiro sistema.

Mas, segundo Doise (1993), a teoria das representações sociais é, basicamente, uma teoria geral sobre um metassistema de regulações sociais que intervêm no sistema de funcionamento cognitivo, e os postulados teóricos de sistema (cognitivo) e metassistema (social) - bem como o envolvimento das representações sociais em redes de relacionamentos comunicativos e simbólicos, estavam por ser claramente explicitados, a exemplo do que ocorreu com as idéias-chave da teoria de Piaget e de tantas outras. Neste sentido, alguns resultados já são conhecidos, como a Teoria do Núcleo Central, por Abric, e alguns outros direcionamentos anteriores, mapeados por Jodelet em 1989.

Dentre os pesquisadores que atualmente participam nesta busca por detalhamentos à ‘Grande Teoria’ destacamos Wagner (1998), com a proposta de critérios para demarcar a representação social em relação a outras construções da psicologia social; dentre estes critérios selecionamos o do ‘consenso funcional’, responsável pela manutenção do grupo como uma

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa recebeu apoio financeiro do CNPq, através de bolsa de pesquisa à primeira autora

<sup>2</sup> Professora da Pós-Graduação em Educação da UFRN - carvalho@digicom.br

<sup>3</sup> Professor da Pós-Graduação em Psicologia da UFPE – roazzi@ufpe.br

<sup>4</sup> Professora da Pós-Graduação em Psicologia da UFPE – m-dias@ig.com.br

unidade social reflexiva, organizada em torno de um auto-sistema padronizado a partir dos processos de auto-categorização e das interações de uma maioria qualificada de seus membros (Wagner, 1998, p. 18). Destacamos também Roazzi et al (1999), pelo emprego de procedimentos específicos de coleta e de análise dos dados, que são teoricamente pertinentes e metodologicamente adequados à verificação empírica do citado critério, pois, como afirmou Canter (1993): “ embora seja de grande importância explorar o que o conceito de representações sociais significa e as várias implicações metateóricas que esta abordagem pode ter (...), alguns avanços da teoria somente serão possíveis através da busca de alternativas para coletar e analisar dados em representações sociais. Tais estudos empíricos fazem consideravelmente mais que testar hipóteses derivadas da teoria ou adicionar informações a estruturas pré-estabelecidas, eles desenvolvem, ativamente, uma compreensão de quais processos estão subjacentes às representações sociais.”

Wagner (1998, p. 4) conceitua representações sociais como “um conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social.” Este autor sublinha o processo sócio-genético das representações sociais, bem como as conseqüências da sócio-gênese para a sua compreensão e definição.

Deste modo, se tomarmos a representação social como ciência popularizada, encontraremos aí as representações cumprindo as funções declarativa, instrumental e explanatória: o aspecto declarativo descreve e demonstra o fenômeno social para o qual a ciência popular parece ser relevante, e o aspecto explanatório fornece uma compreensão familiar para suas razões subjacentes. Integrada em sistemas morais preexistentes, a ciência serve a uma função justificatória, acrescentando peso às convicções ideológicas.

Mas, se tomarmos a representação social como imaginação cultural, aí elas servem ao propósito de dar realidade às coisas que habitam o mundo social, onde os objetos têm uma longa história estabelecida, tais como os papéis sexuais, as anomalias da existência humana, ou o próprio corpo humano. Tais representações não apenas recriam os objetos, mas definem os atores como parte complementar dos mesmos – dando-lhes o sentido de pertença a comunidades e culturas específicas, além do que são adquiridas e desenvolvidas nos primeiros anos da infância (Wagner, 1998, p. 6-8).

Finalmente, ao analisarmos as representações sociais de estruturas e eventos sociais, estas terão como características – se comparadas com as culturais – o fato de serem mais recentes em importância histórica e de atingirem uma população mais limitada. “Tais representações são diacronicamente menos estáveis, assim como sincronicamente menos válidas, isto é, são compartilhadas por grupos menores de pessoas. São característicos desse campo os conflitos sociais, e tais representações sociais são sempre o produto de um processo explícito de avaliação social de pessoas, grupos e fenômenos sociais.” (Wagner, 1998, p. 8-9).

Ainda segundo Wagner (op cit), o denominador comum dos diferentes tipos de representações sociais é o fato de serem socialmente elaboradas e coletivamente compartilhadas, sendo a comunicação e o discurso o veículo deste processo no interior dos grupos sociais. O produto, ou seja, as representações distribuídas, formam parte do sistema de conhecimento ordinário dos indivíduos, e não pode ser concebido separadamente da condição sócio-genética sob a qual ele foi formado. Além disso, será necessário estabelecer critérios para considerar uma representação como ‘social’, sob pena de vermos esse conceito carregado de significados incompatíveis. Nesse sentido, o critério do ‘consenso funcional’, ao pressupor a participação e comunicação dos sujeitos representantes, dentro dos ‘grupos reflexivos’, é proposto como

alternativa à interpretação em termos numéricos, a qual não assegura o compartilhar entre os membros de um grupo. O critério do consenso funcional, ao contrário, pressupõe que o grupo, para manter-se como uma unidade reflexiva faz valer, através do discurso circulante, os processos de auto-categorização e de interações de uma maioria qualificada de seus membros.

O presente estudo identifica-se, quanto ao processo sócio-genético do objeto representado, na categoria “estruturas sociais e eventos específicos” pois, a despeito da universidade existir há oito séculos, e poder ser considerada diacronicamente estável, por outro lado é uma instituição que, entre nós (nordeste do Brasil), permanece acessível apenas para grupos restritos de indivíduos, pelo que a representação sobre a mesma pode resultar sincronicamente menos válida (Albuquerque, 1997).

### **Da Busca da Verdade à Instituição do Consenso na Psicologia/nas ciências**

Num “diálogo com a epistemologia contemporânea a respeito da questão da subjetividade”, mediado pelo tema da verdade, Rezende (2000) faz demarcações epistemológicas entre ciências formais, empírico-formais e humanas, como se comenta a seguir: as ciências formais têm como paradigma a matemática, e para elas verdade é coerência. Requer a presença ativa do sujeito racional, que encontra em si mesmo, isto é, na racionalidade, um critério fundamental para verificar a validade dos procedimentos. Assim, uma asserção será considerada verdadeira se encerrar **coerência** em si mesma, isto é, se estabelecer relações intrínsecas entre os elementos, de forma lógica.

As ciências empírico-formais, ou ciências naturais, têm como paradigma a física matemática. Apesar da física contemporânea, uma ciência da complexidade, abrir uma progressiva complexificação do objeto e da metodologia, de qualquer modo há o pressuposto de que a natureza é racional a seu modo, restando saber qual é o modo. O método é a experimentação, como condição de verificação do acesso à verdade, concebido como **correspondência** ao real.

As ciências humanas caracterizam-se por não ter um paradigma epistemológico único, alguns repousando na antropologia, outros na lingüística, outros na própria psicologia. De qualquer modo, qualquer dos três paradigmas tem sua referência na cultura, a qual nos permite reconhecer o fenômeno humano, novo corte epistemológico inseparável da experiência simbólica. A experiência da verdade não se caracterizará apenas pela coerência e a correspondência. Qual a primeira dificuldade da Psicologia? Precisamente o acesso a esse novo nível epistemológico, que só acontecerá com uma significativa mudança no critério de cientificidade (o consenso) e no conceito operacional (o símbolo), acarretando a nova forma de experiência da verdade como **consenso simbólico**. Isto nos coloca diante de uma grande complexidade nesse terceiro tipo de ciência (e de psicologia científica), que reclama, para além da coerência das ciências formais, e da correspondência das empírico-formais, por uma experiência simbólica, na forma de comunicação - aí incluída a polissemia da significação. Além do mais, tudo isso requer interpretação, como forma científica de lidar com os fenômenos humanos. Num *crescendum*, se a univocidade é uma das propriedades dos conceitos matemáticos (e não precisa ser interpretada), ela relativiza-se no campo da física, tornando-se polissêmica no campo das humanas, onde a verdade só é reconhecida como uma experiência existencial (cognitiva+emocional) compartilhada.

A seguir comenta-se uma pesquisa sobre representações sociais de universidade, na qual lançou-se mão do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM) para a coleta dos dados e da análise multidimensional do tipo (MSA) para a interpretação destes, com o objetivo de prover, com uma base empírica, a discussão sobre o consenso funcional.

*“Os cinco critérios (...) resultam de um teoricamente suposto caráter sócio-genético das representações sociais. Nem todos os critérios foram ainda investigados empiricamente; alguns são justificados apenas teoricamente [...] Embora a sócio-gênese seja freqüentemente lembrada como um argumento teórico na seção introdutória dos relatórios de pesquisa das representações sociais, só raramente, se não nunca, suas conseqüências são consideradas explicitamente. Para a classe de conhecimentos referida como representações sociais, a sócio-gênese não é uma condição ordinária, mas uma necessidade específica. Considerando-se a sócio-gênese explicitamente, talvez se possa avançar o desenvolvimento da teoria e proporcionar critérios para prevenir que esse conceito se torne carregado de significados incompatíveis.” (Wagner, 1998, p. 20).*

Esta longa citação foi feita com o propósito de realçar que estes critérios ainda estão sendo testados. Nesta direção, Roazzi et al (1999) desenvolveram uma primeira verificação empírica do critério do consenso, numa pesquisa sobre representações sociais do medo, na qual adotaram os mesmos procedimentos de pesquisa aqui descritos.

## MÉTODO

**Sujeitos:** 280 (duzentos e oitenta), subdivididos em 4 (quatro) subgrupos, a saber: (1º) 90 estudantes do último ano do Ensino Médio, sendo 30 de cursinhos particulares, 30 de escolas públicas e 30 do CEFET, que representam a parcela de indivíduos em busca da Universidade; (2º) 90 estudantes dos dois últimos anos de cursos universitários, sendo 30 dos diversos Centros da UFRN, 30 de variados cursos da UnP e 30 de várias IES privadas; (3º) 90 professores de variados cursos universitários, sendo 30 da UFRN, 30 da UnP e 30 de outras IES privadas; 100 indivíduos que desempenhem variados papéis sociais, tais como: profissionais liberais/empresários; pequenos comerciantes e ambulantes; comerciários, bancários e industriários; prestadores de serviços, como cabeleireiros, manicures, digitadores, faxineiros, garçons, recepcionistas, enfermeiros, policiais, outros.

**Sobre o PCM:** segundo Roazzi (1995), o Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM), deriva-se dos procedimentos de categorias-próprias de Sherif e Sherif (1969) e das tarefas de classificação elaboradas por Vygotsky (1934), e vem se consolidando como metodologia apropriada para pesquisa de sistemas conceituais em várias áreas da psicologia, como social e a ambiental. Além de enfatizar o aspecto qualitativo das categorias, o PCM enfoca também o processo de construção do sistema de classificação que medeia relações dos indivíduos com o mundo complexo em que atuam.

**Material:** O material para a investigação consistiu de 26 cartões de 5x7 cm, cada um contendo a inscrição de uma palavra, dentre as selecionadas na fase preliminar da pesquisa (o levantamento do campo semântico), por serem freqüencialmente mais associadas com a palavra-estímulo ‘universidade’.

**Associação Livre:** Este é um procedimento preliminar às classificações múltiplas, no qual os sujeitos são convidados a expressarem de forma livre o que passa em suas mentes à evocação da palavra estímulo ‘universidade’ e, assim, poder-se levantar informações para reconstruir o campo semântico e a estrutura da referida representação.

**Classificação livre:** Nesta etapa da pesquisa os sujeitos classificaram em grupos os cartões com as palavras levantadas na fase anterior, de modo a termos em cada grupo elementos conjugados para um determinado fim. Os sujeitos foram livres para alocarem quantas palavras quisessem

num mesmo grupo, como também para formarem quantos grupos achassem necessários. Se por acaso o sujeito demonstrasse dúvidas em relação à tarefa, o pesquisador apresentava um exemplo utilizando outros estímulos. Assim que o sujeito formava os grupos, o pesquisador tomava nota dos componentes de cada um dos grupos. Finalizada a classificação o pesquisador pedia ao sujeito que observasse bem a formação dos grupos e verificasse se estava satisfeito. Finalmente o investigador perguntava qual o motivo que levou o sujeito a formar cada um dos grupos. O pesquisador registrava em gravador as respostas dos sujeitos, para posterior identificação do critério norteador da classificação, assim como para uma compreensão do significado de cada agrupamento. Também tomava nota dos números das cartelas-palavras alocadas a cada grupo.

Existe uma terceira etapa do PCM, a chamada Classificação Dirigida, que é realizada pelos sujeitos a partir de um critério previamente fornecido pelo pesquisador, que não é objeto do presente texto.

**RESULTADOS:** Os dados foram analisados pelo método multidimensional do tipo “MSA”, com o qual se buscou mapear as regionalizações dos itens e as polarizações entre as regiões, suas características qualitativas, suas direções no espaço da projeção.

**Tabela 1:** Médias, Desvios-Padrão e Análises de Kruskal\_Wallis do grau de associação das palavras com Universidade em função do grupo de participantes

Palavras	UFRN (U)		Outras IES (O)		Fora (F)		Cursinho (C)		K.Wallis		Post-Hoc p<.05
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	$\chi^2$	P	
Alunos01	4.63	.71	4.56	.78	4.61	.66	4.18	1.04	9.73	.021	C<UOF
Citecn02	4.54	.75	4.38	.95	4.43	.87	4.25	1.00	2.93	.401	
Conhec03	4.61	.67	4.51	.76	4.43	.80	4.67	.51	3.35	.340	
Consci04	3.97	1.01	4.00	.83	3.76	.99	3.68	1.11	4.21	.239	
Conviv05	3.73	1.04	3.93	.85	3.75	1.04	3.93	1.10	2.62	.452	
Crises06	3.73	1.12	3.52	1.16	2.86	1.44	3.25	1.29	16.55	.001	FC<UO
Dedest07	4.00	.96	4.13	.97	4.31	.89	4.27	1.00	5.85	.119	
Desmon08	3.07	1.47	2.20	1.30	2.11	1.30	2.40	1.40	17.68	.001	FIC<U
Desper09	3.00	1.41	2.49	1.29	2.13	1.30	2.25	1.39	16.19	.001	FCI<U
Dificu10	3.83	.93	3.64	.93	3.41	1.30	3.85	1.13	6.24	.100	
Disdeb11	4.07	.86	4.20	.89	4.01	1.02	4.07	.88	1.39	.707	
Ensino12	4.66	.68	4.54	.76	4.55	.77	4.43	.72	4.87	.182	
Estudo13	4.34	.90	4.46	.80	4.49	.78	4.37	.84	1.46	.691	
Eselev14	4.32	.86	4.26	1.10	4.55	.73	4.28	.94	4.51	.211	
Foprof15	4.36	.86	4.36	.81	4.41	.81	4.42	.85	.36	.947	
Format16	4.20	.96	4.26	.81	4.67	.72	4.18	1.04	22.05	.000	CUO<F
Futuro17	3.76	1.07	3.87	1.07	4.21	.90	4.25	1.05	12.35	.006	UO<FC
Ffinan18	3.34	1.13	3.34	1.01	3.89	1.00	3.87	1.18	17.49	.001	UO<CF
Fuprof19	3.98	.86	3.98	1.02	4.30	.85	4.43	.96	15.77	.001	UO<FC
Inaces20	2.73	1.40	2.70	1.37	2.53	1.48	2.25	1.27	4.60	.203	
Locapr21	4.39	.76	4.21	.91	4.23	1.00	4.25	1.00	.97	.808	
Lutass22	3.63	1.11	3.64	.93	3.79	1.15	4.00	.97	5.92	.115	
Profes23	4.54	.83	4.70	.66	4.62	.70	4.37	.93	5.35	.148	
Sonhos24	3.56	1.17	3.75	1.09	4.03	1.21	3.98	1.12	9.94	.019	UO<CF
Status25	3.08	1.17	3.18	1.28	3.55	1.32	3.30	1.43	6.30	.098	
Univer26	3.22	1.59	3.77	1.38	3.66	1.48	3.58	1.53	3.96	.265	

A análise estatística com o teste de Kruskal-Wallis denota que os grupos diferem significativamente entre si em relação à associação Universidade com as palavras-estímulo: Alunos, Crises, Desmonte, Desperdício, Formatura, Futuro, Futuro Financeiro, Futuro Profissional e Sonhos.

Os Pós-testes aplicados demonstram que, em relação ao item Alunos, o grupo de estudantes de Cursinhos associa com menor frequência à Universidade dos que os outros três grupos. Enquanto Formatura está associada à Universidade para os que não participam delas.

Crises e Universidade são significativamente mais associadas entre os participantes da UFRN e de outras IES do que àqueles que estão Fora ou em Cursinhos.

Os alunos e professores da UFRN fizeram um maior número de associações entre Desperdício, Desmonte e Universidade do que os outros três grupos. E, por sua vez Sonhos e Universidade são menos associados pelo primeiro grupo do que pelos outros.

Futuro, Futuro Financeiro e Futuro Profissional possuem baixa associação à Universidade entre aqueles que participam das Universidades do que àqueles que estão fora delas ou em Cursinhos

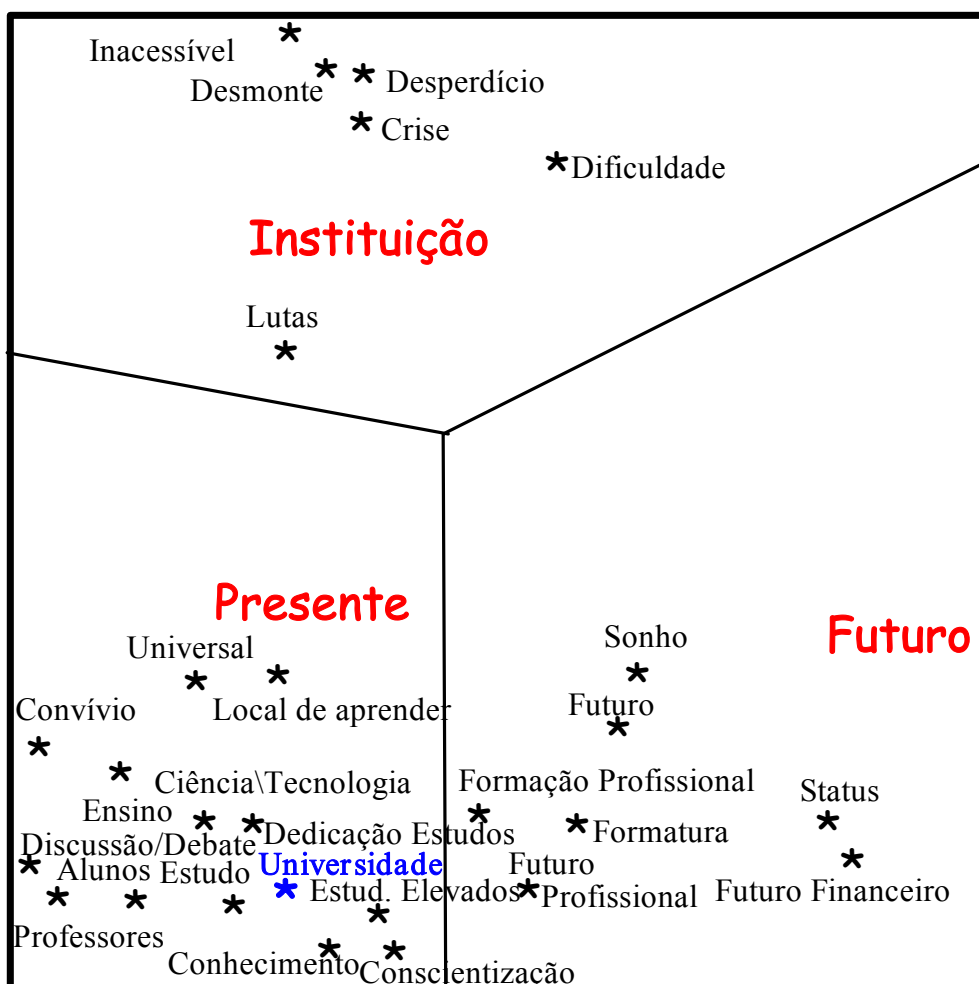


Figura 1. Análise MSA da classificação livre de palavras: Amostra de professores e alunos da UFRN

Os Resultados da Classificação Livre entre alunos e professores da UFRN apresentam uma projeção no qual o espaço tridimensional aparece separado em três regiões (categorias) considerando o eixo central. As categorias escolhidas foram: Futuro (lado direito), Instituição (região superior) e Presente (lado esquerdo, próxima a palavra-estímulo “Universidade”). Verifica-se que a distribuição das classificações relativas às categorias Futuro e Presente está ligeiramente mais condensada, ou seja, pontos (classificações) mais próximos entre si, portanto, maior correlação do que àquela que diz respeito à Instituição.

Observa-se ainda uma tendência das classificações ocuparem a região da margem superior e inferior da projeção, apresentando maior aproximação entre os pontos denotando uma maior correlação.

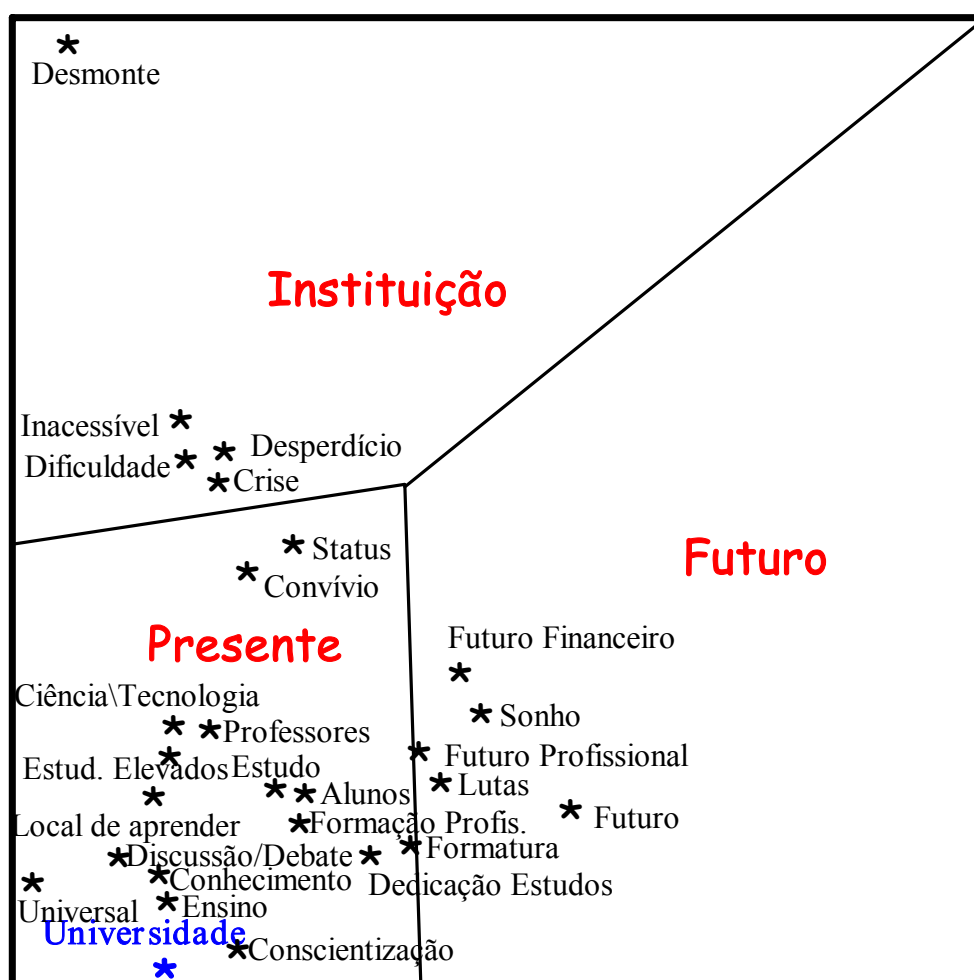


Figura 2. Análise MSA da classificação livre de palavras: Amostra de professores e alunos de outras IES

Na Figura 2, que mostra os resultados da amostra entre alunos e professores de outras IES, as categorias localizam-se nas mesmas regiões, considerando o eixo central, da projeção da

Figura 1. No entanto, as classificações da categoria Presente e a maioria das classificações da categoria Instituição e da categoria Futuro estão mais próximas entre si, localizando-se ao lado esquerdo e inferior da projeção, havendo assim uma maior correlação entre as classificações e as categorias. A palavra-estímulo “Universidade” localiza-se apenas na região da categoria Presente.

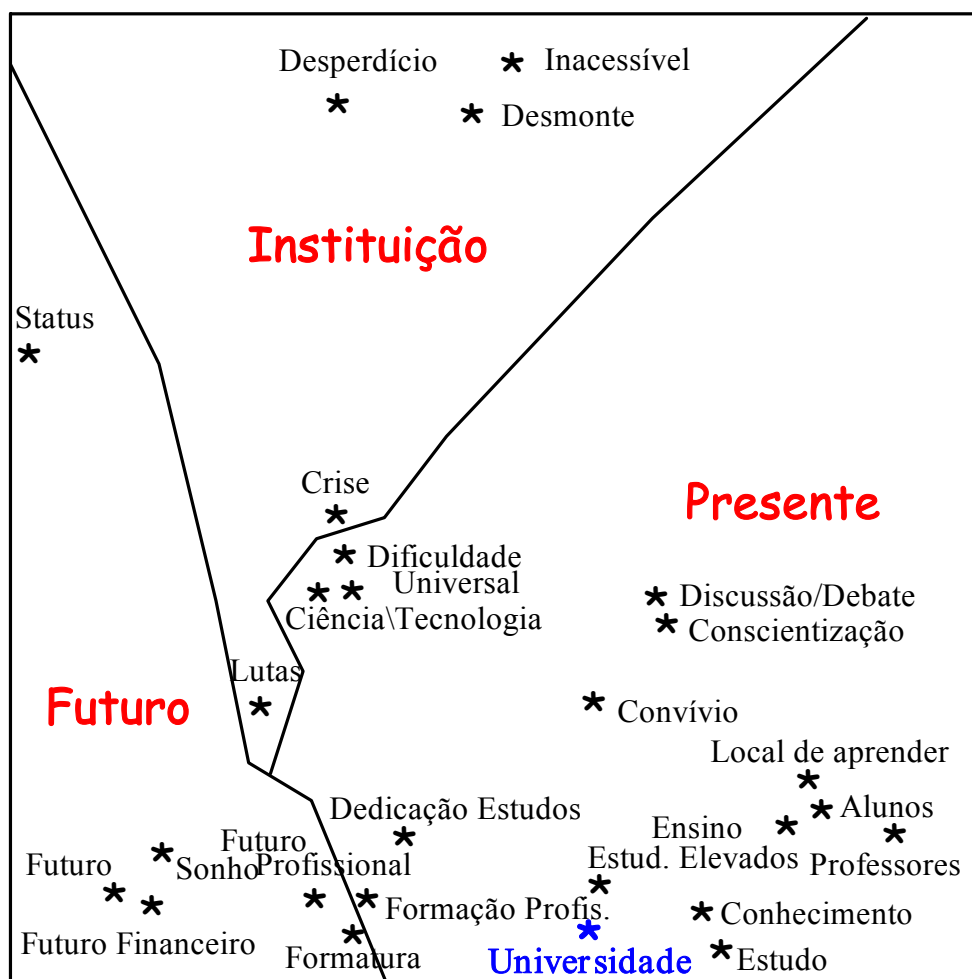


Figura 3. Análise MSA da classificação livre de palavras: Amostra de alunos de cursinhos

A Figura 3 mostra que os resultados dos alunos de cursinhos, as categorias localizam-se em regiões diferentes das projeções das Figuras 1 e 2 considerando o eixo central. As categorias escolhidas se projetam: Futuro (lado esquerdo), Instituição (continua na região superior) e Presente (lado direito). Verifica-se que a distribuição das classificações relativas às categorias Futuro e Presente está ligeiramente menos condensada, ou seja, pontos (classificações) mais separados entre si, e a palavra-estímulo “Universidade” continua posicionada na região da categoria Presente. Isto acontece mesmo com a inversão da posição desta categoria, localizando-se na parte inferior da projeção. Na categoria Instituição as classificações estão também menos condensadas e um pouco dispersas das outras categorias, havendo assim uma maior correlação apenas entre as classificações das categorias Futuro e Presente.



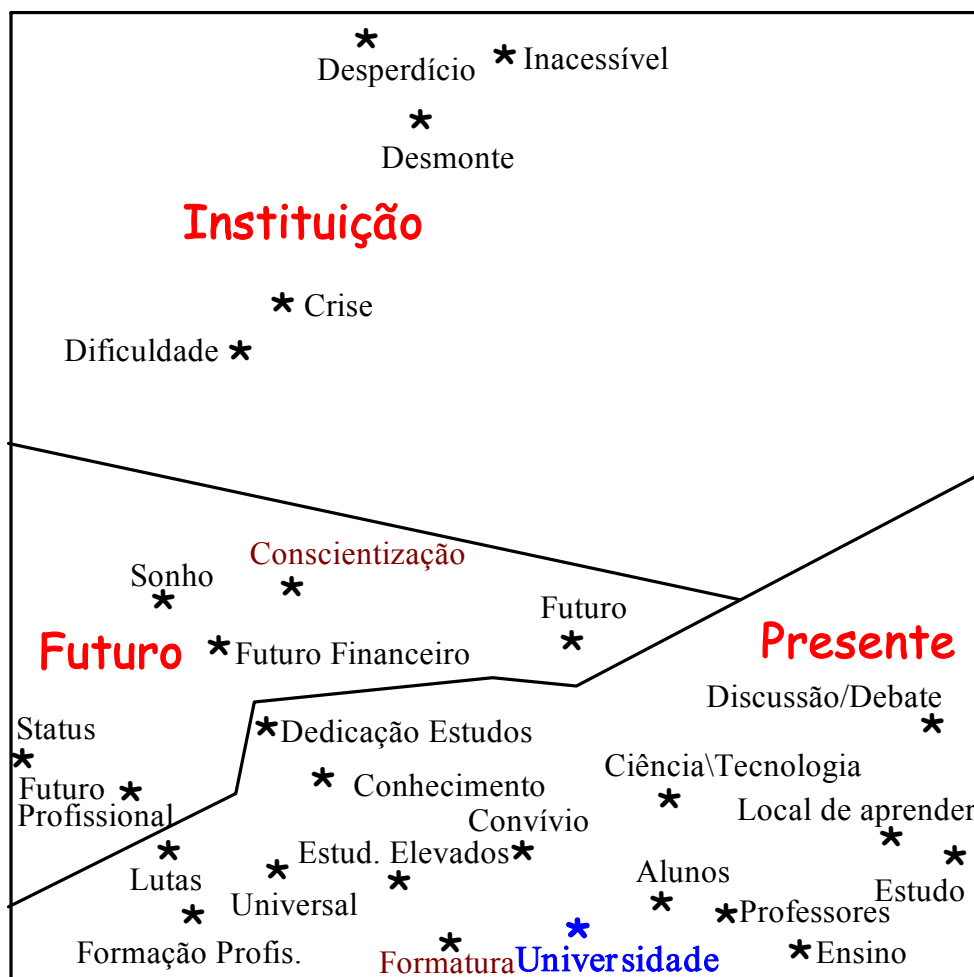


Figura 4. Análise MSA da classificação livre de palavras: Amostra de participantes fora da Universidade

Na Figura 4, nos resultados da amostra dos participantes que estão fora da Universidade, as categorias localizam-se em regiões parecidas da Figura 3, porém com dimensões diferentes considerando o eixo central. A categoria Instituição localiza-se em toda parte superior da projeção, a categoria Futuro na parte lateral esquerda e a categoria Presente no lado inferior direito. A distribuição das classificações relativas às categorias Futuro e Presente está ligeiramente mais condensada, ou seja, pontos (classificações) mais próximos entre si, localizando-se na parte inferior da projeção, próximas a palavra-estímulo “Universidade” que continua localizada na região da categoria Presente. Na categoria Instituição as classificações estão também menos condensadas e um pouco dispersas das outras categorias, havendo assim uma maior correlação apenas entre as classificações das categorias Futuro e Presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista da empiria obtida nessa pesquisa de representações sociais de Universidade, retomemos os aspectos pontuais do presente texto, quais sejam: a adequação do PCM para coletar informações acerca de objetos simbólicos de pesquisa, bem como a pertinência das análises

multidimensionais para subsidiar interpretações destas informações. Pretendeu-se demonstrar, portanto, que para uma aproximação ao ‘consenso funcional’, é indispensável o acesso à trama cognitiva subjacente aos discursos (aos sentidos) circulantes nos espaços de relações. Ressalte-se que consenso, no sentido em que é aqui tomado, não confunde-se com o pressuposto de sabermos o que tem nas cabeças uns dos outros, mas é a possibilidade de compartilhar um universo de sentidos e significados sociais, em determinado espaço cultural e tempo histórico.

Através deste critério do consenso (bem como dos outros que não são objeto dessa reflexão), Wagner (1998) chama atenção de que a pontencialização-atualização (ou sócio-gênese) de uma representação não se explicita objetivamente, através de conteúdo numérico. Antes, infere-se de um movimento orgânico de interdependência entre indivíduos e grupos, numa concordância de idéias, opiniões, práticas e atitudes. A dinâmica que daí resulta é a sincronia, a cumplicidade capaz de atribuir os mesmos sentidos aos objetos, ao mundo – o consenso.

Quer-se propor, ao final destas argumentações, que, se o PCM se mostra apropriado para conhecermos os sistemas de classificação e categorização das pessoas, estas nos possibilitam mapear o “metassistema” de que nos falou Doise (1993), aquele das regulações sociais que intervêm no sistema de funcionamento cognitivo. Quer-se propor também que as tramas psicossociais ‘aparecem’ nas figuras traçadas pelas análises multidimensionais (MSA), revelando-nos a tecitura das redes de relações comunicativas e simbólicas.

Esse estudo está em curso e aqui não foram incorporadas as classificações dirigidas, com as análises multidimensionais pertinentes, as do tipo (S S A), que acrescentam variáveis externas às figuras, (idade, sexo, subgrupo do sujeito na pesquisa, etc), permitindo mapas ainda mais precisos das tramas psicossociais, visualizações mais completas da dinâmica consensual.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: A. PAREDES MOREIRA e D. C de Oliveira (org.) **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB Editora, 1998.
- \_\_\_\_\_. L'étude expérimentale des représentations sociales. In: D. Jodelet (org.), **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989.
- ALBUQUERQUE, L. B. Ambiente, cultura e sociedade: o espaço da universidade. **Linguagens, educação e sociedade**, 2. Teresina: UFPI, 1997.
- BORG, I. & LINGUES, J.C. **Multidimensional similarity structure analysis**. New York: Springer, 1987.
- CANTER, D. V. & G. M. BREAKWELL (Eds.). **Empirical approach to social representations**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Epilogue: Methodological contributions to the theory of social representations. In: D. V. CANTER. & G. M. BREAKWELL (eds.). **Empirical approach to social representations**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- CARVALHO, M. R. (1998). Eu confio, tu prevines, nós contraímos: Uma psico(lógica) (im)permeável à informação! In D. Jodelet e M. Madeira (eds.), **AIDS e representações sociais: à busca de sentidos** (pp. 89-94). Natal: EDUFRN.
- \_\_\_\_\_, C. PASSEGI, M.DOMINGOS SOBRINHO (Orgs). **Representações Sociais: teoria e pesquisa**. Ed. Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-un Rosado. Mossoró – RN, 2003. p. 85-100. ISBN 8589888-0.
- \_\_\_\_\_. **O outro lado do aprender: representações sociais da escrita no semi-árido norte-riograndense**. Recife/Natal: Ed. Massangana/Ed. UFRN, 2002.

- DOISE, W. Debating social representations. In: CANTER, D. V. & G. M. BREAKWELL (Eds.). **Empirical Approach to Social Representations**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- JODELET, D. (1989). Les Représentations Sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), **Les représentations sociales** (pp. 31-61). Paris: PUF.
- (Ed.). Paris: PUF, 1989. p. 31-61: Les représentations sociales: un domaine en expansion.
- MOSCOVICI, S. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MONTEIRO, C.M.G. & ROAZZI, A. Representações sociais e o processo de classificações múltiplas. Algumas implicações metodológicas no estudo da estruturação sócio-espacial da cidade. *Psicologia Argumento*, 7(6), 55-78, 1987.
- REZENDE, A. M. Prefácio In: FERREIRA, M. G. **Concepções de Subjetividade em Psicologia**. Campinas: Pontes, 2000.
- ROAZZI, A. categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. *Cadernos de Psicologia*, 1, pp. 1-27, 1995.
- ROAZZI, A, F. FREDERICCI e M. R. F. CARVALHO. A facet approach to the study of social representation of fear in adults. In: R Meyer; D. Schweizer; B. Hänzli; E. Jann; Peier-Kläntschi & H. J. Schweizer-Meyer (eds.), **Facet theory: Design and analysis** (227-256). Bern: FTA/Institut für Soziologie, Universität Bern, 1999.
- WAGNER, W. Sócio-Gênese e características das representações sociais. In: A. PAREDES MOREIRA e D. C de Oliveira. **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB Editora, 1998.